



Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 29/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

ENSINO DE FILOSOFIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS contribuições de Antonio Gramsci

TEACHING OF PHILOSOPHY AND THE TRAINING OF TEACHERS contributions of Antonio Gramsci

José Carlos da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho trata sobre o ensino de filosofia e a formação de professores e professoras de filosofia, tomando como base as contribuições críticas presentes no pensamento filosófico e educacional de Antonio Gramsci. Sendo fruto de uma pesquisa bibliográfica, numa perspectiva histórica e dialética, este texto apresenta como resultado uma reflexão crítica sobre o intelectual, a filosofia, o filósofo, a educação, a instituição escolar brasileira e as necessidades de formação para que o filósofo e professor/a de filosofia, em seu trabalho docente, possa ter uma atuação crítica, consistente e transformadora na sociedade. Uma sociedade que seja capaz de elaborar, organizar, ensinar e difundir uma nova concepção de mundo, uma nova forma de pensar, compreender e atuar no mundo.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Ensino de Filosofia. Formação de Professores e Professoras. Gramsci.

ABSTRACT

The present work deals with the teaching of philosophy and the training of teachers of philosophy based on the critical contributions present in the philosophical and educational thought of Antonio Gramsci. As a result of bibliographic research, in a historical and dialectic perspective, this text presents as a result a critical reflection on the intellectual, philosophy, philosopher, education, the Brazilian school institution and the training needs for the philosopher and teacher of philosophy, in its teaching work, can have a critical, consistent and transforming role in society. A society that is capable of elaborating, organizing, teaching and spreading a new conception of the world, a new way of thinking, understanding and acting in the world.

Keywords: Philosophy. Education. Teaching Philosophy. Teacher Education. Gramsci.

INTRODUÇÃO

A formação inicial de professores e professoras de filosofia no Brasil, é uma necessidade fundamental na atualidade, pois após anos de luta contra a ditadura e defesa da redemocratização do nosso país, também se lutou pela reinclusão da obrigatoriedade do

¹ Professor Dr. da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: drjosecarlosdasilva@gmail.com.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8366752655132139>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2567-9967>.



ensino da filosofia na educação básica, particularmente no ensino médio. Neste processo, os brasileiros e as brasileiras conseguiram avançar, mas não bastou apenas estar presente na *Constituição Federal* (1988), na *Lei de Diretrizes e Bases* (LDB 9.394/1996) e nos *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* (PCNs) a importância e a necessidade dos conteúdos filosóficos para o exercício da cidadania. Era necessária a inclusão da obrigatoriedade da disciplina Filosofia na grade curricular do ensino médio em nível nacional.

Quando isto se tornou lei nacional? Após anos de persistências, apenas em 2008, quando a Lei nº 11.684/2008 (BRASIL, 2008), na qual alterou o art. 36 da LDB que falava que os jovens apenas deveriam ter o domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania. Assim, no conjunto de conhecimentos dessas áreas existem saberes específicos que os e as jovens necessitam aprender para praticar efetivamente a cidadania de modo crítico, questionador e reflexivo diante da sociedade, da cultura, das leis, do mundo do trabalho, das relações de poderes, principalmente das relações entre governantes e governados na sociedade brasileira. Neste sentido, não se pode ver a educação apenas como mera assimilação cumulativa de conhecimentos históricos, científicos, linguísticos, filosóficos e culturais em geral.

Para a filosofia contribuir para o desenvolvimento da cidadania, segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNs* (1999 *apud* SILVEIRA, 2013) “é desenvolvendo nos estudantes as competências que lhes são peculiares” tais como:

Relacionar conteúdos e métodos; desenvolver a capacidade de problematizar o conteúdo, refletir sobre ele e apropriá-lo; colocar o aluno em contato direto com a tradição filosófica, com a história da filosofia, seus temas, problemas e métodos; aprender a ler textos filosóficos e compreender seus significados; participar e organizar debates, tomando posições, defendendo-as e fundamentando-as com argumentos consistentes e coerentes logicamente; relacionar conhecimentos filosóficos com as ciências naturais, humanas, artes e culturas em geral; contextualizar os conhecimentos filosóficos (BRASIL, 1999, pp. 335-349).

Um dos grandes desafios do ensino de filosofia, no ensino médio brasileiro, está na formação básica de filósofos e filósofas e de professores e professoras de filosofia, presente nos cursos de graduação em bacharelado e licenciatura em filosofia. Estes cursos, em nível superior, ocorrem tanto nas faculdades e universidades públicas quanto nas privadas, impactando no processo de ensino de filosofia e na formação de cidadãos e cidadãs. Estes e estas intelectuais, profissionais na área da filosofia, têm um papel fundamental como



mediadores e mediadoras no processo de ensino entre a filosofia, o filosofar e a aprendizagem dos e das adolescentes enquanto estudantes presentes nas salas de aula de ensino médio, tanto nas escolas públicas quanto nas escolas particulares.

Com o objetivo de contribuir para o ensino de filosofia, para a formação de professores e professoras de filosofia e suas práticas educativas no ensino médio, este artigo se fundamenta no pensamento de Antonio Gramsci, principalmente nos clássicos *Cadernos* 10, 11, 12 e *Miscelâneos* traduzidos e editados por Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques, demonstrando as contribuições gramscianas para a educação filosófica. A partir do acesso ao pensamento e a história de vida do filósofo e político revolucionário italiano, tornou-se visível sua atualidade para compreender e atuar na realidade brasileira contemporânea, principalmente na área da educação, da política e no ensino de filosofia.

1 GRAMSCI E A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA

Gramsci nasceu dia 23 de janeiro de 1891, em Ales, localizada na ilha da Sardenha, região sul da Itália na qual ele cresceu e viveu por 20 anos. Essa região meridional, muito pobre e explorada, teve grande influência no desenvolvimento da *práxis* gramsciana, nas suas lutas contra a exploração, a opressão dos camponeses e da classe operária pelos proprietários dos meios de produção. No decorrer de sua vida, dedicou-se aos estudos, a escrever, publicar e lutar politicamente, primeiro como membro do Partido Socialista Italiano e, posteriormente, como fundador e membro do Partido Comunista Italiano. Foi exatamente devido a sua inteligência, influência e repercussão de sua atuação política revolucionária e como parlamentar, em prol do proletariado, que ele foi condenado e preso pelo Governo Facista italiano de Mussolini. Permaneceu encarcerado, de 1929 a 1935, onde ele utilizou Marx, Lênin, Rosa Luxemburgo, Croce, Gentile e outros interlocutores para escrever os seus 33 *Cadernos*, incluindo quatro de traduções e vinte e nove próprio de seus estudos e reflexões em *Cadernos Temáticos* e *Miscelâneos*. Dentre estes, os *Cadernos* 10 (*A filosofia de Benedetto Croce*), 11 (*Introdução ao estudo de filosofia*) e 12 (*Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais*) e os *Miscelâneos* são a base para compreender o ensino de filosofia e a formação de professores de filosofia.

Mesmo nas condições precárias do cárcere, mergulhado na história italiana, Gramsci se esforçou, desenvolveu, avançou e refundou a filosofia marxista de sua época, oferecendo



nos cadernos uma reflexão filosófica crítica e política que expõe de modo organizado uma nova concepção de mundo, de educação e de ensino de filosofia. Critica também as concepções pragmáticas, abstratas, escolásticas e idealistas de mundo.

Gramsci não toma o marxismo como doutrina abstrata, mas como método de análise concreta do real em suas diferentes determinações. Debruça-se sobre a realidade enquanto totalidade, desvenda suas contradições e reconhece que ela é constituída por mediações, processos e estruturas (SIMIONATO, 1995, p. 35).

Em sua abordagem histórico-filosófica, Gramsci, apresenta uma “concepção de mundo original e integral” (GRAMSCI, 2001, v. 1, p. 234), pode-se dizer que num debate com as concepções filosóficas mais representativas de sua época, o filósofo toma Marx, Engels, Lênin, Hegel, Croce e relendo-os criticamente, reinterpretando-os, encontra os pressupostos que funda a filosofia da *práxis*. Essa filosofia original, imanente, historicista, criada, fundada e construída por Marx, “resultado e coroamento de toda a história precedente” (GRAMSCI, 2001, pp. 264-265), particularmente da filosofia clássica alemã, da economia clássica inglesa e da literatura e prática política francesa, é explicitada por ele nos cadernos 10 e 11.

Tomando o princípio da totalidade, Gramsci busca uma filosofia marxista autônoma e independente das filosofias anteriores, uma nova maneira de ver o mundo. No entanto não basta uma nova concepção filosófica, mas é importante que “não seja reservada aos grandes intelectuais, as tendas a se tornar de massa com caráter concretamente mundial” (GRAMSCI, 2001, p. 264), impactando na cultura e formação de todas as pessoas, inclusive no pensamento e ações das classes subalternas.

Essa nova maneira de conceber o indivíduo e o mundo, tomando a filosofia da *práxis* como dialética no próprio devir histórico, Gramsci procura superar a dicotomia imposta pelas outras filosofias, fazendo a crítica e superando-as. Assim ele parte da afirmação de que a filosofia está presente em todos os indivíduos e não apenas em alguns especializados em filosofia, culturalmente distintos dos demais. Assim, “deve-se destruir o preconceito, muito difundido de que a filosofia seja algo muito difícil, pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos” (GRAMSCI, 1989, p. 8).

Pelo simples fato de todos os seres humanos pensarem, terem uma linguagem, um senso comum, um bom senso e uma religião, possuem um modo de ver e de agir que pode ser chamado de filosofia, mesmo que espontânea. Assim, todos e todas são filósofos e filósofas, mesmo que ainda sejam influenciados e influenciadas pela religião, pelos meios de comunicação, pela linguagem, pela cultura do ambiente social onde nascem, crescem e vivem



inseridos e inseridas em interações com diversos grupos e classes sociais, assimilando um senso comum. Entretanto isto não basta, pois é necessário avançar filosoficamente, superando as concepções incoerentes, contraditórias, desagregadas, confusas, acríticas, ingênuas, passivas presente no senso comum. Para que isso ocorra é necessário “elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira crítica e consciente (...) participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo” (GRAMSCI, 1989, pp. 8-9).

Somente aprendendo filosofia e filosofando é possível despertar e desenvolver uma concepção e ação crítica, de modo metódico, coerente e sem preconceitos impostos na coletividade por determinados grupos e classes sociais vigentes. Além disso, no ensino de filosofia é importante desenvolver o olhar, o diálogo e a leitura crítica das ideias, conceitos e demais pensamentos desenvolvidos pela tradição clássica e presentes na própria história da filosofia e na cultura popular. Segundo Gramsci, somente assim é possível criticar as próprias concepções de mundo, de sociedade, de indivíduo e avançar intelectualmente compreendendo de modo coerente e unitário. Assim, “elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido significa criticar toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou vestígios consolidados na cultura popular” (GRAMSCI, 1989, p. 9), impactando nas concepções, ações e modos de vida dos homens na história concreta da humanidade.

2 ENSINO DE FILOSOFIA E O FILOSOFAR NA PERSPECTIVA DE GRAMSCI

No ensino de filosofia, iniciar o ato de filosofar está ligado a fazer um inventário crítico sobre a nossa concepção de mundo, os nossos valores, a nossa cultura, as nossas ações, a política, a nossa vida tanto individual quanto dos demais seres humanos enquanto produtos e sujeitos de um processo histórico, de uma determinada formação social. Neste sentido podemos perceber e compreender os caminhos da vida, a sociedade e a política concreta onde está presente a verdadeira filosofia vigente na sociedade. Somente filosofando propriamente dito, através de uma reflexão crítica, vamos saber qual é o nosso senso comum, o seu real significado, como ele impacta na sociedade e como chegamos a ser o que somos.

Ao filosofar, é importante compreender que toda filosofia tem uma história, corresponde às tentativas de soluções de problemas colocados pela realidade social concreta, em uma determinada época histórica. Portanto, a filosofia não pode ser compreendida de modo abstrato e especulativo sem considerar a sua historicidade, o contexto histórico em que cada qual está inserido. É através das ações intelectuais de filosofar e expor as suas



concepções de mundo, que os e as intelectuais classistas tornaram a história da filosofia um fruto de ações e reflexões diversas, realizadas por séculos, deixando um legado importante e fundamental para o ensino de filosofia e o filosofar na atualidade brasileira.

Tendo como propósito a libertação das classes subalternas, da dominação e exploração concreta pelo capital, Gramsci percebe e defende o ensino de filosofia como um meio pelo qual a classe subalterna pode e deve romper com o senso comum, “quando a conduta não é independente e autônoma, mas sim submissa e subordinada. É por isso, portanto, que não se pode decolar a filosofia da política” (GRAMSCI, 2001, p. 97), que implementa uma cultura e senso comum carregado de elementos “conservadores”, “reacionários” e “progressistas” utilizados para manter a dominação e o sistema exploratório. Somente rompendo com a concepção de mundo imposta pelas classes dominantes, – espalhadas e inseridas na mente, na cultura das classes dominadas através da escola, dos meios de comunicação, da religião, cuja função é fortalecer e perpetuar o sistema de dominação social – torna-se possível a tomada de consciência crítica da visão de mundo, dos interesses e contradições de classe presente na realidade que se vive e reorientar suas ações de modo autônomo, ativo nos processos histórico-sociais.

Nessa perspectiva, a filosofia e o filosofar possibilita uma nova concepção crítica de mundo, uma nova cultura ligada a vida prática real, o surgimento de um novo senso comum no nível intelectual e moral que permite à classe subalterna agir, lutar politicamente para transformar e reconstruir tanto as concepções amplas das massas, quanto a transformação prática do mundo concreto em que vivem. Assim, para Gramsci, a filosofia e seu ensino é um instrumento de libertação dos subalternos. Mas para que isso ocorra é necessário criar uma unidade “entre os simples e os intelectuais” (GRAMSCI, 1989, p. 13), uma nova relação educacional de educação popular que pode ser dar na escola, tendo os professores e as professoras de filosofia como intelectuais organicamente vinculados a massa. “Só através deste contato é que uma filosofia se torna histórica [...] e se transforma em vida” (GRAMSCI, 1989, p. 14).

Adotando essa postura, o filósofo e militante político italiano busca democratizar o ensino de filosofia defendendo a inserção da filosofia na educação escolar para todos e todas. Para que isso se efetive, é necessária uma nova escola que não vise formar apenas os cidadãos e as cidadãs para o mercado de trabalho, mas uma escola unitária que visa a formação completa do indivíduo, tanto para o trabalho quanto intelectualmente, moralmente e culturalmente.



Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 29/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

Para Gramsci é escola de trabalho intelectual e manual (técnico, industrial); que seu objetivo é a formação dos valores fundamentais do humanismo, isto é, da autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias tanto para os estudos posteriores quanto para a profissão; que a instrução das novas gerações e a das gerações adultas se apresentam sempre privada de conteúdos e exigências intelectuais e culturais” (MANACORDA, 2008, p. 177)

Na concepção de Gramsci que defende uma escola unitária de nível primário e médio e de acesso universal, portanto democrática, a educação não visa apenas formar profissionais para o mercado de trabalho, mas numa perspectiva cultural humanística deve formar um jovem “capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige” (GRAMSCI, 2001c, p. 49). Portanto não basta qualificar profissionalmente os e as jovens, mas capacitá-los e capacitá-las politicamente para serem governantes. Nesse processo educativo o filósofo / a filósofa profissional, na perspectiva da filosofia da *práxis*, tem um papel relevante na elevação intelectual e moral que transforma o modo de compreender, de sentir e agir politicamente, dos mais simples, para lutar pela hegemonia e desmontar a sociedade opressora, exploratória, estabelecendo o comando das classes populares. Como diz o autor:

A tendência democrática, intrinsecamente, não pode significar apenas que um operário manual se torne qualificado, mas que cada ‘cidadão’ possa tornar-se ‘governante’ e que a sociedade o ponha, ainda que ‘abstratamente’, nas condições gerais de poder fazê-lo: a democracia política tende a fazer coincidir governantes e governados (no sentido de governo com o consentimento dos governados), assegurando a cada governado o aprendizado gratuito das capacidades e da preparação técnica geral necessárias a essa finalidade (GRAMSCI, 2001c, p. 50)

Assim, preparar o cidadão e a cidadã através de uma educação fornecida em uma escola única e “desinteressada”, isto é, de cultura desinteressada, humanista não só para os ricos, mas também para o proletariado. Segundo Nosella, “uma escola que dê a criança a possibilidade de se formar, de se tornar homem, [...] para o desenvolvimento do caráter. Uma escola de liberdade e livre iniciativa e não uma escola de escravidão e de mecanicidade.” (2004, p. 50). Não se trata de formar meros e meras profissionais para serem empregados e empregadas explorados e exploradas por proprietários e proprietárias dos meios de produção. Se trata de articular a formação profissional com a cultura geral humanística, incluindo aí a filosofia.

Desse modo, o pensador sardo luta pela igualdade e libertação do proletariado. Isto implica romper com uma concepção liberal de sociedade democrática, pois propõe igualdade



de condições educacionais, políticas e um ensino de filosofia que seja adequado a essa finalidade. Na escola, a filosofia e o filosofar são vistos como conteúdos e ações educativas de libertação da classe subalterna.

No ensino da filosofia presente no ensino médio, visando seu objetivo formativo, deve incluir em seu currículo pedagógico conteúdos fundamentais como história da filosofia, a leitura direta da tradição clássica, a lógica formal buscando formar dirigentes.

Deve sempre valer os princípios de que as ideias não nascem de outras ideias, de que as filosofias não são geradas por outras filosofias, mas são expressão sempre renovada do desenvolvimento histórico real. A unidade da história, o que os idealistas chamam de unidade do espírito, não é um pressuposto, mas um conjunto e progressivo fazer-se, Igualdade de realidade efetiva determina identidade de pensamento e não vice-versa. Disso se deduz ainda que, toda verdade, mesmo abstrata (...) deve sua eficácia ao fato de ter sido expressa nas linguagens das situações concretas particulares (GRAMSCI, 2001a, p. 256)

Com esses elementos presentes no ensino de filosofia para os e as jovens da escola de nível médio, torna-se possível contribuir efetivamente para a preparação de sua função social enquanto intelectuais. Um novo e uma nova intelectual não apenas no sentido tradicional, mas inserido e inserida ativamente na vida prática, com capacidade de saber lidar metodicamente, coerentemente e criticamente com determinados conceitos presentes nas filosofias tradicionais, na cultura contemporânea e na realidade concreta. Recorrendo a uma leitura, um diálogo e uma análise crítica dos pensamentos clássicos desenvolvidos no decorrer da história, se desenvolve o ensino de filosofia e o filosofar. É importante refletir, repensar as origens e os contextos históricos nos quais diversos conceitos foram elaborados, reelaborados criticamente e desenvolvidos.

Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um ‘filósofo’, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 2001c, p. 53)

Desse modo, se todo ser humano possui uma concepção de mundo. Em um curso de filosofia para o ensino médio que vise criar uma nova camada de intelectual, trata-se, portanto, de partir do grau de desenvolvimento de cada um, “elaborar criticamente a atividade intelectual que cada um possui (GRAMSCI, 2001c, p. 53), formando um / uma dirigente



(especialista e político) e não apenas um mero e uma mera especialista, pensador e pensadora ou político, o que permite a classe subalterna romper com a dominação. Assim, Gramsci mostra a possibilidade de uma consciência e atitude política que permita o rompimento com a dominação e com a sociedade de classes, abolindo o modo de produção da sociedade capitalista.

Com isso percebemos que, do ponto de vista da filosofia da *práxis*, fundada por Marx e desenvolvida por Gramsci, a filosofia está presente em todos e todas, isto é, “todos os homens são filósofos” (GRAMSCI, 2001b, p. 93), pois possuem uma concepção de mundo, ainda que a seu modo, ‘espontaneamente’, mesmo que inconscientemente, isto é, sem uma compreensão profundamente racional. “A filosofia da *práxis* como resultado e coroamento de toda a história precedente, da crítica ao hegelianismo, nascem o idealismo moderno e a filosofia da *práxis*” (GRAMSCI, 2001a, pp. 264-265), uma nova maneira dialética de compreender a filosofia, o ser humano, o mundo e tende a se tornar parte da cultura popular. Na perspectiva da filosofia da *práxis*, Gramsci afirma que é necessário ter uma nova compreensão da história da filosofia, suas diversas partes e perceber a sua relação com o mundo concreto.

A história da filosofia tal como é comumente entendida, isto é, como história da filosofia dos filósofos, é a história das tentativas e das iniciativas ideológicas de uma determinada classe de pessoas para mudar, corrigir, aperfeiçoar as concepções do mundo existentes em todas as épocas determinadas e para mudar, portanto as normas de conduta que lhes são relativas e adequadas, ou seja, para mudar a atividade prática em seu conjunto. (GRAMSCI, 2001a, p. 325)

Assim, Gramsci se posiciona e defende que a filosofia dos filósofos e das filósofas não é algo meramente abstrato, pensamento metafísico, descontextualizado historicamente, mas que surgiu a partir de reflexões críticas sobre problemas surgidos em seus contextos históricos reais e sobre pensamentos de outros filósofos e filósofas que os e as antecederam. Esta atividade filosófica levou ao surgimento de novas metodologias, raciocínios lógicos coerentes e concepções de mundo, de ética e de política, contribuindo para novas compreensões e ações na vida histórica concreta. Isso levou, no decorrer da história da filosofia a uma reelaboração crítica dos valores, da política, da compreensão e estruturação da vida e da sociedade em diversos contextos histórico-sociais concretos da humanidade, direcionando para o processo de manutenção de exploração e organização social opressora ou para um processo de



libertação da classe explorada e oprimida. Mas ao estudar e ensinar filosofia o que nos interessa?

Do ponto de vista que nos interessa o estudo da história e da lógica das diversas filosofias dos filósofos não é suficiente. Pelo menos como orientação metodológica, deve-se chamar a atenção para as outras partes da história da filosofia; isto é, para as concepções do mundo das grandes massas, para a dos grupos dirigentes (ou intelectuais) mais restritos e, finalmente, para ligação entre vários complexos culturais e a filosofia dos filósofos (GRAMSCI, 2001a, pp. 325-326)

Neste sentido, Gramsci nos alerta para uma nova “orientação metodológica” deixando evidente que a história da filosofia não se limita à lógica e a história da filosofia dos filósofos clássicos, tradicionalmente presente tanto nos cursos superiores de filosofia quanto no ensino médio. Assim, esse filósofo sardo avança e traz grandes contribuições para a compreensão da história da filosofia e sua inserção no processo de ensino de filosofia e de filosofar, formando professores e professoras de filosofia e os alunos da educação básica.

É de grande relevância compreender que as concepções de mundo das “grandes massas” possuem concepções filosóficas que se tornaram senso comum e fazem parte dos “complexos culturais” influenciados pelas filosofias dos e das intelectuais tradicionais, apenas aparentemente neutros, mas vinculados conscientemente ou não às classes dominantes da sociedade. Além disso, existe também os filósofos e filósofas organicamente vinculados e vinculadas às classes dominantes ou às classes dominadas, atuando no ensino de filosofia tanto na educação básica quanto no ensino superior. É necessário compreender que toda filosofia tem sua época histórica.

A filosofia de uma época é a filosofia deste ou daquele filósofo, deste ou daquele grupo de intelectuais, desta ou daquela grande parcela das massas populares: é uma combinação de todos estes elementos, culminando em uma determinada direção na qual essa culminação torna-se norma de ação coletiva, isto é, torna-se “história”, concreta e completa (integral). A filosofia de uma época histórica, portanto não é senão a “história” dessa mesma época, não é senão a massa de variações que o grupo dirigente conseguiu determinar na realidade precedente: neste sentido história e filosofia são inseparáveis, formam um “bloco”. (GRAMSCI, 2001a, p. 326)

Toda filosofia de uma época, dos mais diversos filósofos e diversas filósofas, é desenvolvida historicamente seja como autoconsciência crítica de intelectuais, de pequenas partes das massas populares que, em sua maioria, geralmente são manipuladas e alienadas pela classe dominante. É na história concreta que a filosofia se materializa, sendo assimiladas



pelas classes subalternas e impactando nas suas ações éticas, políticas e sociais, tanto em nível individual quanto em nível coletivo, influenciadas pelos grupos dirigentes politicamente.

No ensino de filosofia o filósofo e a filósofa precisam tomar consciência de sua concepção filosófica, romper com a concepção de intelectual tradicional e compreender que não existe neutralidade política no ensino de filosofia e no ato de filosofar. É fundamental compreender e dar valor ao seu vínculo orgânico a uma das classes sociais. Na perspectiva gramsciana, da filosofia da *práxis*, o filósofo e a filósofa e o professor e a professora de filosofia estão vinculados, organicamente, às classes subalternas e luta intelectualmente pela libertação do proletariado. Esta batalha se dá tanto nos partidos políticos quanto na educação filosófica presente na escola de ensino médio. Desse modo o professor e a professora de filosofia têm um papel fundamental em sua atuação na educação básica, desenvolvendo o espírito crítico libertador, a autonomia, formando os e as jovens para atuarem como cidadãos ativos e cidadãs ativas, revolucionários e revolucionárias, na realidade concreta em que estão inseridos e inseridas.

Os elementos filosóficos propriamente ditos, porém, podem ser “distinguidos”, em todos os seus diversos graus: como filosofia dos filósofos, como concepções dos grupos dirigentes (cultura filosófica) e como religiões das grandes massas, e pode-se ver como, em cada um destes graus, ocorrem formas diversas de “combinação” ideológica. (GRAMSCI, 2001a, pp. 325-326)

Cabe, portanto, ao ensino da filosofia, um papel de grande relevância para formar o intelectual crítico e a intelectual crítica, criativo e criativa, dirigente e transformador e transformadora da sociedade. Ao aprender filosofia os e as jovens e adolescentes aprendem a filosofar, um ensino que está inserido por direito nas escolas brasileiras de ensino médio.

Do ponto vista da filosofia da *práxis* a escola faz parte da superestrutura da sociedade, sendo “intimamente relacionado e necessariamente inter-relativo e recíproco” (GRAMSCI, 2001a, p. 369) o processo dialético de desenvolvimento juntamente com a estrutura social. É na escola que ocorre a luta pela hegemonia e reflete o conjunto de contradições de classe presente na sociedade capitalista brasileira. Um espaço disputado pelos e pelas intelectuais e de grande importância na “luta cultural para transformar a ‘mentalidade’ popular” (GRAMSCI, 2001a, p. 398). Neste terreno se insere a grande maioria de professores e professoras de filosofia. Segundo Gramsci, como deve se dar a formação desses professores e dessas professoras? Como ele vê essa problemática da formação educativa dos filósofos e



filósofas e professores e professoras de filosofia? Como prepará-los adequadamente para atingir os objetivos propostos na LDB, nos PCNs e formar cidadãos intelectuais dirigentes?

3 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE FILOSOFIA E O ENSINO DE FILOSOFIA

Pode-se dizer que na formação de professores e professoras de filosofia entram quatro aspectos centrais: o aprendizado de conteúdos filosóficos e metodologias específicas; o aprendizado de conteúdo político-pedagógicos, metodologias e didáticas para o ensino; conteúdos científicos e linguísticos; a relação que vincula teoria e prática pedagógicas de sala de aula, envolvendo diretamente a relação docente-discente.

Para Gramsci, “o estudo é também um trabalho, e muito cansativo” (GRAMSCI, 2001c, p. 51) tanto na educação básica, onde se adquire o hábito de estudar e na educação superior onde o estudante já deve ter adquirido “maturidade e disciplina para realizar por si mesmo as atividades necessárias” (SILVEIRA, 2013, p. 68). Não se pode oferecer um curso inferior ao acadêmico pelo fato de ele pertencer a uma classe baixa, trabalhar e frequentar um curso noturno. É um curso em que se torna necessário aprender os conhecimentos filosóficos e político-pedagógicos socialmente elaborados.

Metodologicamente, no aspecto da relação docente-discente, cabe ao professor e à professora ser um mediador / uma mediadora entre os e as estudantes e a filosofia. Portanto o professor e a professora devem ensinar os e as estudantes, futuros filósofos e futuras filósofas profissionais e professores e professoras de filosofia a pensarem de modo crítico, com espírito de sistema, lógico, coerente, rigoroso e radical. O filósofo e a filósofa profissional e/ou professor e professora de filosofia:

[...] não só pensa com maior rigor lógico, com maior coerência, com maior espírito de sistema que os outros homens, mas conhece toda a história do pensamento, isto é, sabe explicar o desenvolvimento que o pensamento experimentou até ele e é capaz de retomar os problemas a partir do ponto onde eles se encontram após terem sofrido a mais alta tentativa de solução, etc. (GRAMSCI, 2001a, p. 410)

Para que os e as estudantes desenvolvam sua capacidade de pensar e conheça criticamente toda a história da filosofia é necessário superar desafios tais como as deficiências de sua formação anterior, as deficiências financeiras, condições adequadas para o ensino-



aprendizagem, estruturação curricular de modo que aborde todos os conhecimentos necessários para a sua formação como a história da filosofia e a relação entre a teoria e a prática filosófica e pedagógica. E resolvendo essas questões, cabe ao futuro professor e à futura professora de filosofia:

Elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade (GRAMSCI, 2001b, pp. 93-94).

Desenvolvendo essa capacidade de reflexão, análise crítica e percebendo-se como produto do processo histórico concreto desenvolvido até a atualidade, os cursos de graduação em filosofia permitirão aos futuros filósofos e as futuras filósofas profissionais e educadores e educadoras conhecerem adequadamente a filosofia historicamente desenvolvida, problematizá-la e reelaborá-la criticamente. Assim, rompem com meras opiniões, com o senso comum popular e também com uma visão de filosofia absoluta considerando as relações sociais presentes no mundo em que está inserido.

Caberá ao futuro professor e à futura professora de filosofia adotarem a posição de mediador entre o conhecimento filosófico historicamente adquirido e a realidade do e da estudante, valorizando aquilo que ele já conhece, elevando sua mentalidade filosófica e cultural em geral. As universidades, as faculdades e institutos superiores são *locus* importantes na construção do processo pedagógico da formação inicial de professores e professoras de filosofia. Além disso, podem enriquecer o processo formativo através de atividades educativas continuadas e cursos de pós-graduação evitando deficiências, tanto de conteúdos filosóficos quanto de metodologias e didáticas específicas da própria área de atuação no ensino superior e no ensino médio.

No Brasil, após reinserção da disciplina de filosofia no ensino médio e muitos anos de suas práticas educativas, ficou evidente as dificuldades encontradas pelos e pelas docentes e a deficiência formativa de professores e professoras de filosofia. Após estudos, análises e reflexões sobre o ensino de filosofia no país, despertou a necessidade de suprir as deficiências e criou o Mestrado Profissional em Filosofia em rede nacional, com sede na UFPR e diversos núcleos em outras universidades brasileiras. Esse Programa de Mestrado Profissional se tornou uma relevante fonte de estudos mais aprofundados sobre o ensino de filosofia, de pesquisas, de suporte, de enriquecimento filosófico-educativo para os professores e as



Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 29/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

professoras de filosofia que atuam profissionalmente no ensino de filosofia na educação básica. No ensino superior e na educação básica os filósofos e as filósofas e professores e professoras filosofia têm um papel fundamental. Como afirma Gramsci:

Se o corpo docente é deficiente e o nexa instrução–educação é abandonado, visando a resolver a questão do ensino de acordo com esquema abstrato nos quais se exalta a educatividade, a obra do professor se tornará ainda mais deficiente: ter-se-á uma escola retórica, sem seriedade (2001c, p.43).

Ser apenas instruídos e instruídas não quer dizer que estão sendo preparados e preparadas para atuar como professores e professoras de filosofia ou como cidadão e cidadã dirigente. É necessário que não caia na mediocridade durante as práticas educativas de ensino de filosofia, focando apenas em transmitir conteúdos abstratos, desvinculados do contexto histórico, político e social dos filósofos e das filósofas que produziram os conteúdos.

Além disso, não existe neutralidade na filosofia. É necessário ter consciência de que a filosofia e o filosofar, enquanto conteúdo e atividade racional lógica, coerente, metódica, profunda, crítica não se desvincula da história, da política, da ética, da ciência nem da realidade brasileira concreta na qual os e as estudantes, os professores e as professoras e toda a população estão inseridos e vivendo. Não se trata apenas de reproduzir teorias, mas de levar a filosofia e o filosofar para despertar nos e nas estudantes a reflexão filosófica, ativar as suas capacidades racionais para a produção de pensamentos e ações críticas a partir dos problemas vinculados a realidade concreta.

Para conseguir que seus alunos se tornem mais instruídos, mas não conseguirá que sejam mais cultos; ele desenvolverá [...] a parte mecânica da escola, e o aluno, se for um cérebro ativo, organizará por sua conta, e com a ajuda de seu ambiente social, a bagagem acumulada (GRAMSCI, 2001c, p. 45).

Pesquisar, refletir, discutir, compreender os problemas filosóficos da vida, em sua historicidade e atualidade, permite ensinar filosofia rompendo com a simples instrução e passividade. É o que permite maior aproximação entre docente-discente e prepará-los para serem cidadãos, dirigentes críticos e atuantes na sociedade brasileira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 29/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

A escola, seja ela de educação básica ou superior, como uma instância da superestrutura da sociedade capitalista, tem um papel fundamental na produção e difusão de cultura, de conhecimentos científicos, de ideologias e na formação dos e das intelectuais, não apenas no sentido de formação de especialistas para o trabalho profissional, como geralmente ocorre, mas também enquanto formação política de dirigentes qualificados e qualificadas para agir concretamente na sociedade. Forma-se em diferentes níveis e complexidade em termos técnicos e culturais, atuando como uma instância de luta pela hegemonia de classe. Hegemonia esta que, disputada e conquistada por uma determinada classe social, significa poder, domínio e direção consentida pela grande maioria da sociedade para o governo de uma classe sobre o conjunto da sociedade. E aqui os e as Intelectuais orgânicos /orgânicas, mais que os e as tradicionalistas têm um papel decisivo, pedagógico, como mediador / mediadora de uma tomada de consciência.

Desse modo as categorias gramscianas são elementos conceituais que auxiliam na superação das concepções e práticas formativas tradicionais, vigentes e hegemônicas nos cursos de formação de professores e professoras de filosofia no Brasil, permitindo assim, compreendê-los e compreendê-las como partes de uma sociedade contraditória, conflituosa, desempenhando papéis distintos na sociedade capitalista brasileira.

Para que o professor e a professora de filosofia possam desempenhar, adequadamente, um papel educativo transformador, na educação básica escolar, é necessário uma formação consistente nos cursos de licenciatura ofertados pelas Instituições Educativas de Ensino Superior. Neste sentido, além da legislação educacional geral e específica vigente, da compreensão histórico-crítica da educação brasileira efetuada por vários educadores brasileiros e educadoras brasileiras, Gramsci oferece categorias e elementos que subsidiam a análise crítica da formação de professores e professoras e do ensino de filosofia. Assim, o filósofo e político italiano sardo contribui para a estruturação de um Curso de Licenciatura em Filosofia que vise formar filósofos e filósofas e professores e professoras de filosofia numa perspectiva crítica, emancipadora, para atuar na área do ensino de filosofia, na educação escolar brasileira e na sociedade, unindo teoria e prática.

O filósofo e a filósofa e professor e professora de filosofia a ser formado e formada, além de pensar com maior rigor lógico, maior coerência, conhecer toda a história do pensamento, estudar as políticas, as didáticas e metodologias do ensino de filosofia, compreender os problemas e as soluções dadas historicamente, deve posicionar-se de um ponto de vista crítico, fecundo e transformador no processo educativo. Assim, atuando no ensino de filosofia no ensino médio, os filósofos e as filósofas e professores e professoras de



Recebido em: 30/11/2020

Aprovado em: 29/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

filosofia contribuirão para elevar o nível intelectual e filosófico dos e das jovens, possibilitando que eles e elas possam compreender melhor a realidade em que estão inseridos, as determinações históricas, econômicas, políticas e sociais sobre a própria vida. Neste sentido, os e as estudantes desenvolverão sua capacidade de filosofar, adquirirão pensamentos críticos, poderão se tornar sujeitos mais conscientes, mais autônomos, cidadãos ativos e cidadãs ativas que lutarão politicamente pela emancipação e construção de uma sociedade realmente democrática, não exploratória, sem opressão, onde possa existir melhor qualidade de vida e justiça social.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 10 de agosto 2014.
- BRASIL. *Lei n. 11.684, de 2 de junho de 2008*. Altera o art. 36 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Disponível em HTTP://www.planalto.gov.br/ccivil_3/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm. Acesso em: 10 de agosto 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica (SEB). Conhecimentos de Filosofia. In: BRASIL. *Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências Humanas e suas tecnologias*. Brasília, 2006. V.3, p. 15-42.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília, 1999.
- GRAMSCI, A. Caderno 10 (1932-1935) – A filosofia de Benedetto Croce. In: GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001a. v.1, p. 275-430.
- GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933) – Introdução ao estudo da filosofia. In: GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b. v.1, p. 81-226.
- GRAMSCI, A. *Caderno 11 (XVIII) 1932-1933: introdução ao estudo de filosofia*. Edição e Trad. Paolo Nosella. São Carlos – SP: UFSCAR/ Departamento de Educação, 1989, 113p.
- GRAMSCI, A. Caderno 12 (1932): Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001c. v.2, p. 13 - 53.
- MANACORDA, Mário Alighiero. *O princípio educativo em Gramsci: americanismo e conformismo*. Campinas: Alínea, 2008.
- NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. 3ª. ed. revista e atualizada. São Paulo: Cortez, 2004.
- SILVEIRA, R. J. T. Ensino de filosofia e cidadania: uma abordagem a partir de Gramsci. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 94, n. 236, p. 53-77, jan./abr. 2013.
- SIMIONATO, Ivete. *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social* – Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 1995.